

A revolução em entrevista

Este livro de Maria João Avillez, "Do Fundo da Revolução" - antologia de entrevistas saídas no PÚBLICO, desde o início do ano às vésperas do 25 de Abril, pois a revolução comemora em 1994 os seus vinte anos -, tem, para além de outras virtudes, uma que é essencial: articular, sem discrepâncias de monta, os depoimentos de gente que cobre o leque ideológico e partidário português. O que não é fácil. Porque de Alpoim Calvão a Isabel do Carmo, não vai apenas o lento passo de uma ideia, mas o salto vertiginoso de uma ruptura.

Maria João Avillez não quis interpelar as personagens centrais da revolução, e sim aquelas que - explica Vicente Jorge Silva no prefácio do volume - fossem "suficientemente conhecidas, com experiências e posições muito variadas mas, de preferência, afastadas do protagonismo da ribalta do poder, e cujas vivências humanas, políticas e intelectuais permitissem reencontrar os caminhos cruzados pelo 25 de Abril." Há, nesta escolha, duas excepções: o primeiro entrevistado, Melo Antunes, o intelectual da revolução, mantinha-se, no entanto, há longos anos afastado das manchetes dos jornais; e Mário Soares acabou por se tornar uma inevitabilidade porque - louvado ou invectivado - surgia nas declarações de quase todos os outros entrevistados.

Porém, a verdadeira riqueza destas entrevistas - que do jornal ao livro foram enriquecidas com partes que a austeridade de um diário obrigara a cortar - reside mais na intensidade psicológica do retrato de cada uma das personagens do que na comparação que se pode estabelecer entre as declarações de todas. Um homem como Carlos Fabião, por exemplo, atinge aqui a grandeza da tragédia: diversas comissões em África, a primeira das quais como voluntário, várias vezes medalhado, acabou por ser o descolonizador da Guiné. Guerreiro do Império, foi um dos principais artífices do seu desmoronamento. O dilaceramento deste homem - um dos "sete magníficos" que rodearam Spínola na Guiné - atinge o clímax quando Maria João Avillez lhe pergunta: "De todas as figuras que protagonizaram a revolução - civis e militares - qual apreciou mais?" Resposta: "A que mais admiro, porque salvou o país de uma grande desgraça, é o marechal Costa Gomes"...

Esta gente, no espírito da qual a revolução deixou marcas dolorosas, responde à entrevistadora com singular bonomia. Porque Maria João Avillez consegue uma estranha empatia com as personalidades que interroga, independentemente da posição política que perfilhem. No caso das duas mulheres entrevistadas - Isabel do Carmo e Maria de Lurdes Pintasilgo -, escapará com certeza um sorriso ao leitor, descobrindo a simpatia que se estabelece entre elas e a jornalista... Que se encontra a léguas das crenças ideológicas da antiga guerrilheira do PRP e da ex-primeira-ministra.

Isto não significa, no entanto, que Maria João Avillez largue alguma vez a rédea da conversa. Mantém-na muito curta. O direito Alpoim Calvão, falando do 25 de Novembro de 75, desabafa: "A maioria dos nossos pensou: 'Então fez-se o 25 de Novembro e estes tipos [o PCP] continuam?'" Logo a entrevistadora o interrompe: "Mas o que é que essa maioria de gente que estava consigo queria fazer ao PC?" E Alpoim Calvão recuando: "Eu nunca fui sequer dos mais radicais..."

"Do Fundo da Revolução" é um utilíssimo documento histórico.

Torcato Sepúlveda

Título: Do Fundo da Revolução

Autora: Maria João Avillez

Editor: PÚBLICO

295 pgs., 2700\$00